

GEOGRAFIA URBANA DE BARCELONA

TERESA BARATA SALGUEIRO⁽¹⁾

1992 foi pretexto para o aprecimento de várias publicações sobre a cidade que organizou os Jogos Olímpicos. Seleccionámos apenas uma⁽²⁾ produzida por um ilustre professor de Geografia da Universidade de Barcelona que é produto de uma atenta e prolongada reflexão sobre esta cidade.

O título da obra articula-se com o posicionamento internacional da cidade tal como é apresentada nos objectivos do Plano Estratégico de 1990, transcrito na p.171 "consolidar Barcelona como uma metrópole empresarial europeia (...), socialmente equilibrada e fortemente enraizada na cultura Mediterrânica". Barcelona é indiscutivelmente uma cidade Mediterrânica que registou declínio quando o eixo da economia mundial passou daquele mar interior para o Atlântico, mas é também das cidades espanholas mais próximas da Europa (o Norte do Sul) e desenvolveu um tecido empresarial muito dinâmico e aberto ao exterior. O desenvolvimento industrial que projectou a cidade no período da industrialização, foi fomentado por iniciativa de estrangeiros, europeus e retornados da América, facto que acentuará bastante o carácter cosmopolita da cidade que tenderá depois sempre a afirmar-se através da sua projecção ao exterior.

-
- (1) Professora Associada da Universidade de Lisboa, investigadora do CEG e do GECIC. Dept. de Geografia, Faculdade de Letras, Cidade Universitária, 1699 Lisboa Codex. Fax: (351-1) 796 00 63.
- (2) Carles Carreras, Geografia Urbana de Barcelona. Espai Mediterrani, Temps Europeu. Barcelona, Oikos-Tau, 1993.

A questão da integração europeia não é directamente aprofundada neste livro, embora e tal como o título tão bem sugere ela interesse principalmente enquanto tempo, pêndulo que marca o ritmo ao qual a cidade tem de caminhar, e isso está subjacente na análise que Carles Carreras faz das transformações económicas, dos instrumentos a que a cidade recorreu para se promover internacionalmente e para fazer o seu *marketing*.

O livro de Carreras é um livro denso, rigoroso mas sintético e com uma linguagem muito acessível, que nos revela a cidade de Barcelona na sua organização actual à luz da dinâmica que lhe deu origem, e que se recomenda vivamente a todos os que se interessem por esta cidade, como aos estudiosos de Geografia Urbana empenhados em articular conceitos teóricos com realidades concretas, ou em fazer estudos comparativos.

O autor não se preocupou em fazer uma monografia exaustiva, antes procede por aproximações temáticas, encaradas com frequência numa perspectiva de evolução e transformação temporal, como um mosaico cujas peças se encaixam, para nos revelar o conjunto. O próprio Carreras diz que caldeia princípios do positivismo com os do historicismo e nós acrescentamos ainda os da valorização do papel dos agentes, especialmente na sua experiência colectiva, na produção deste espaço pois é raro deixar a indeterminação do sujeito. São os empreendedores que organizam a exposição de 1888, o senhor que construiu uma casa neogótica na Praça Catalunha, cuja primeira pedra colocada pela rainha inaugurou o *Eixample*⁽³⁾ (p.69), o industrial que abriu uma fábrica ou mudou de casa (p.72), os banqueiros e comerciantes que inauguram estabelecimentos (p.134, 136), os presidentes da Câmara e os urbanistas, os operários que reivindicam ou se mobilizam. Outro aspecto que importa destacar é a importância atribuída à transformação: a cidade é uma realidade dinâmica que se está sempre a fazer nova e o modo como é usado o tempo permite perceber esse processo.

Esta Geografia Urbana da cidade é norteada pela ideia de que, pelo menos na História recente, se firmou uma consciência colectiva em torno do objectivo principal para a cidade, o que permite detectar uma acentuada continuidade nas concepções e nos fins em várias épocas, a tal ponto que o autor, usando uma metáfora cinematográfica, diz que

(3) Designação catalã para *Ensanche*. Urbanização de expansão feita na segunda metade do século XIX, do tipo da das Avenidas Novas de Lisboa.

"o guião não mudou, apesar da mudança dos protagonistas e de toda a *mise en scène*" (p.170).

Os pontos consensuais situam-se principalmente em torno do papel internacional da cidade e da ideia da intervenção urbana por fins higienistas. O autor situa a elaboração deste objectivo principal na dinâmica que levou à organização da Exposição Internacional de 1888, depois continuada através de outros eventos internacionais como a Exposição Internacional de 1929, o Congresso Eucarístico de 1952, até aos Jogos de 1992.

Carreras assinala ainda um outro aspecto com notável persistência, o da conflitualidade social, que todavia se esbateu nos últimos anos devido à desindustrialização e à reconstrução e renovação urbana da cidade interior, tendo assim o modelo da "cidade vermelha" sido hoje substituído, quando muito, por uma "cidade côr de rosa" (p.170). Uma outra questão que também se modificou apenas nos últimos anos refere-se à produção da cidade por via do planeamento. Desde meados do século XIX que se detectam conflitos e desfasamentos entre o plano e a sua implementação, aspecto particularmente desenvolvido nos capítulos 2 e 5. Com a democratização e o aumento dos poderes dos municípios, muitos políticos e técnicos adquiriram grande experiência de gestão, o que garantiu maior interligação naquilo a que chama a passagem "da fase de planeamento para a aplicação concreta das políticas", de forma continuada e coerente.

Depois de um capítulo introdutório em que o autor dá uma ideia sobre a importância dos trabalhos existentes sobre Barcelona e sobre as fontes disponíveis para o desenvolvimento de estudos, entramos num capítulo de apresentação da cidade em que analisa a posição e as paisagens urbanas, no qual inclui o movimento da deslocação do centro desde a beira-mar até à Diagonal e a caracterização dos bairros principais, rematando com a integração metropolitana.

O capítulo 2 é dedicado à evolução urbana, desde o tempo dos romanos até à cidade olímpica. A história da cidade é vista através do território, da área ocupada em ligação com a importância das funções que desenvolve e a apropriação social em cada época. A evolução da ocupação do *Eixample* é objecto de grande minúcia, justificada pela sua importância na história do urbanismo e pela centralização funcional que adquiriu.

O capítulo 3 sobre a formação da cidade metropolitana destaca o empenhamento das elites locais no município e na definição da política urbana. Fiel à ideia condutora da busca de projecção internacional, este capítulo inicia-se com a organização da 1ª Exposição Universal de 1888, a Exposição Universal de 1929, o Plano Maciá (1932) e a intervenção de Corbusier nele, a candidatura aos Jogos Olímpicos de 1936 e a organização das malogradas Olimpíadas Populares. Depois trata o período franquista e o importante crescimento económico e demográfico da cidade desde finais dos anos 50. A transição e a recuperação democrática, a crise económica dos anos 70, os desafios que se punham à nova administração e as opções tomadas no programa Barcelona 92.

No capítulo 4 dedicado às actividades económicas analisa principalmente a indústria, o comércio e os serviços relacionadas com as funções regionais desenvolvidas por "Barcelona-capital". Para as duas primeiras actividades a perspectiva adoptada é a da evolução no tempo. Composição da força de trabalho, tipos principais de indústria e localizações privilegiadas do século XVIII à actualidade.

As transformações decisivas para o comércio ocorreram cerca de um século depois das da indústria. Nos meados do século XIX já se individualiza um "centro ligado à concentração de actividades económicas de prestígio e de lojas de luxo" (p.131), centro que se foi deslocando no espaço da cidade nos últimos 150 anos, tendo a Praça da Catalunha funcionado como "a rótula que permitiu ao centro de comércio passar da cidade velha à cidade nova"(p.134). Carles Carreras é um profundo conhecedor do comércio de Barcelona e este subcapítulo termina com o enunciado das importantes mudanças que afectaram o comércio e os serviços, primeiro nos anos 50 "quando o automóvel destruiu a ideia de passeio e os bancos e seguradoras tomam o Passeig de Gràcia expulsando a actividade comercial"(p.137) e depois, desde os anos 80 em que se multiplicaram as funções administrativas da cidade e surgiram as novas fórmulas comerciais.

O capítulo 5 é sobre a política urbana e o planeamento. Inicia-se com o derrube das muralhas em 1859 e o plano do *Eixample*, planeado de acordo com a primeira figura de direito urbanístico da Espanha (p.143) ao qual dedica parte importante deste capítulo, bem como às alterações e revisões que depois sofreu. Os planos posteriores, passando pelos planos de "reforma interior" até à recente reabilitação urbana, e os planos de índole metropolitana, iniciados em 1953, completam esta análise.

Quanto às formas de planeamento são destacados três períodos, o primeiro a que chama do "planeamento linear" é baseado nas novas vias de trânsito, no ênfase na técnica, e corresponde ao crescimento urbano baseado no carro eléctrico. O segundo período, posterior aos anos 30, reflecte a influência do movimento moderno na arquitectura e no urbanismo com os planos de zonamento. Finalmente no último período, posterior a 1979, desenvolve-se a crítica ao planeamento moderno. Este período é caracterizado pela elaboração duma nova política cristalizada nos planos "Barcelona 92" e "Plano Estratégico Barcelona 2000", bem como no desencadear de operações pontuais, muito localizados mas com forte impacto pedagógico, o que se costuma chamar de "urbanismo de projecto".

O livro remata no capítulo 6 com a análise de alguns problemas que se põem à cidade e das perspectivas que o autor antevê para depois de 1992, no sentido do aprofundamento das pistas lançadas em redor dos Jogos Olímpicos, num quadro de crescente competitividade urbana. Dá grande realce à questão da gestação da cidade dual. Barcelona aparece então como uma "nova cidade fragmentada (...) na qual novas actuações vêm truncar o espaço social e estender a segregação para lá da residência e do trabalho" (p. 174).